

## **ATA DA REUNIÃO DO GT MONTANHISMO DO PESET**

**LOCAL: NUPIF**

**DATA: 4/5/2013**

O administrador do PESET, Fernando Matias, dá boas vindas aos presentes e abre a reunião referindo-se aos escaladores como os verdadeiros anfitriões do parque. Luiz Andrade elogia os banners da setorização e Fernando diz que estes deveriam ser placas instaladas nos próprios setores, e que os banners foram apenas uma medida emergencial até que as placas estejam prontas. Fernando reforça a importância do escalador assinar o TERMO DE RESPONSABILIDADE DE RISCO (TRR) e diz que a administração do PESET estuda a substituição do TRR por placas de sinalização alocadas em pontos estratégicos. Pablo Abi Jaoudi diz que o TRR não é uma defesa legal para o parque, alegando que o mesmo não teria peso jurídico para isentar o parque em caso de acidente com escalador. Fernando responde que o INEA tem uma assessoria jurídica e as questões legais referentes ao direito ao risco tem sido discutida em âmbito institucional, no entanto, esta será o artifício utilizado pela administração do PESET até a instalação das placas de sinalização, como forma do órgão informar ao cidadão sobre os riscos que ele corre.

Yan Wil (representante do CNM) se manifesta favorável a aplicação do TRR dizendo que trata-se de uma estratégia importante para a gestão do montanhismo na UC. Outros escaladores manifestaram-se igualmente favorável ou indiferentes a assinatura do referido Termo.

Luiz fala sobre a importância do Grupo Técnico Montanhismo (GT-Montanhismo) reunido na ocasião ressaltando a importância do encontro e sugere que o tema no momento seja bastante focado na discussão em torno das conquistas de vias de escalada, conforme previsto em pauta. Diz ainda que é importante o fortalecimento deste GT para apoiar a gestão do montanhismo no PESET e, sobre as discussões sobre vias, setorização, novas conquistas, futuros trabalhos e produtos em prol do montanhismo. No entanto encontro do dia visa discutir sobre como serão os procedimentos de abertura de vias no parque. Fernando diz que é importante o parque consultar as pessoas experientes neste conceito e reforça como é primordial existir esse grupo que apóie a gestão do parque, independente de quem seja o gestor (escalador ou não). Desta forma, os escaladores garantem uma organização perpétua na gestão da unidade em relação à sua atividade, assumindo uma posição muito importante na unidade de conservação, inclusive junto ao conselho da UC.

Pablo retoma a palavra e diz que a maioria dos setores tende a se tornar vermelho com o tempo, devido à saturação de vias. Fernando diz que a ideia do setor vermelho não é “lacrar” o setor, e que se um escalador identificar ali uma possibilidade de abertura de via, a análise será apenas mais criteriosa em relação às áreas verdes. Luiz reforça dizendo que o setor vermelho é um setor de grande fragilidade, e que esta categorização é um alerta ao escalador para que tenha um cuidado muito especial ao pensar em abrir uma via ali, por ser uma área sensível, mas que o setor vermelho não caracteriza uma proibição.

Luiz diz que a setorização pode ser discutida e aperfeiçoada, e que a ideia da ideia é a seguinte: o setor verde não precisa de autorização e que o parque deveria ser avisado após a conquista da via, e que o setor vermelho precisaria de uma solicitação de autorização prévia.

Luiz diz que é importante o conquistador informar ao parque através de um documento ou de uma repaginação do termo de risco. Luiz pergunta se é importante para o parque saber se há uma via sendo aberta, mesmo que esta comunicação aconteça no dia da conquista. Fernando responde que esta é uma contribuição importante, como forma do parque, por meio do GT, centralizar as informações referentes a abertura de novas vias e levar ao conhecimento da comunidade de montanhistas informações de atualização desta setorização na UC. Fernando acrescenta que esta comunicação tornará a gestão do montanhismo mais dinâmica e atualizada. Pablo diz que é praticamente impossível dois conquistadores diferentes, trabalhando em conquistas diferentes, estarem lado a lado para abrirem vias diferentes no mesmo dia em um mesmo espaço da rocha. Luiz diz que a conquista de uma via pode levar mais de um dia, e que a comunicação é pertinente para o PRIMEIRO ATAQUE de conquista de via, não sendo necessário comunicar ao parque todos os dias em que serão feitas investidas na conquista. Fernando diz que é para evitar conflitos de informações, para que o parque esteja ciente e respalde o escalador em sua conquista. Ian diz que este procedimento é uma defesa para o local, uma defesa do parque perante futuras gerações que virão abrir novas vias e escaladores de fora, que não conhecem a unidade. Ele sugere que no termo de risco o escalador deve assinar embaixo de uma frase de que está ciente de que o parque deve autorizar esta abertura de via. Pablo diz que não vê problema em preencher o termo de risco, mas que gostaria de saber para onde vão estas informações preenchidas no termo de risco, pois ali ele coloca informações pessoais como CPF e RG. Luiz diz que talvez seja interessante realizar um cadastro de cada escalador que frequenta a unidade. Guilherme diz que talvez seja interessante algo como uma carteirinha. Olho sugere uma ficha cadastral em papel, e nada de computador, para não complicar ou atrasar o processo de dependência de um computador ou de um sistema, bastando apenas a consulta a uma pasta. Guilherme diz que o termo é interessante, pois diz ao parque onde o escalador está. Pablo fala da falta de capacidade dos bombeiros para fazer resgate em montanha e Fernando responde dizendo que essa questão pode ser tema para outras reuniões para se pensar em treinamentos do GT montanhismo e instituições afins, aos guarda-parques.

Luiz volta ao assunto central sobre conquista de vias e propõe que o conquistador receba a informação de que, ao final da conquista, ele deve informar ao parque o croqui da nova via. Luiz diz que na Floresta da Tijuca as últimas cem vias nunca foram informadas ao parque, e mesmo havendo lá um procedimento de formulário para isso, pois este sistema estava “engessado” e já não estava mais funcionando de forma eficiente. Então não adianta ficar enchendo o parque de formulários se este procedimento não vier a funcionar direito. Bruna diz que o parque teve alterações em alguns procedimentos depois da chegada da equipe do uso público. Agora as pessoas estão realmente começando a utilizar os canais de comunicação do parque para informar ao parque sobre a visita de grupo grandes. Então ela compara isto com a comunidade de montanhistas, dizendo que é importante os montanhistas informarem e disseminarem estas informações sobre os procedimentos para abertura de vias para outros escaladores, para que estas informações sejam passadas pra frente. Sugere que os montanhistas ali presentes falem aos seus amigos e sejam multiplicadores destas informações.

Depois de uma breve discussão sobre os horários de funcionamento do parque em relação à hora em que o escalador adentra na unidade, Fernando diz que os vigilantes que ficam durante a noite na subsede também podem ser informados quando um escalador vai pra via

muito cedo. Fernando diz que não adianta tentar passar pelo portão da subsele de noite sem comunicado prévio, pois a ordem para o vigilante é não deixar ninguém subir, mas avisa que sempre que é solicitada uma autorização, o vigilante recebe orientações para a liberação, caso seja justificável.

Luiz pede para fechar o assunto sobre SETOR VERDE, e **fica estabelecido que a conquista deve ser apenas comunicada ao parque com antecedência e este comunicado estará isento de autorização. Ele serve apenas para atualização e dinâmica da setorização no PESET. Quando terminada a conquista, o parque deve ser informado e deve receber o croqui da via. Bruna diz que as informações serão passadas ao GT montanhismo.**

**O parque deve responder ao escalador, enviando o plano de setorização e o código de ética.** Luiz pergunta se alguém tem dúvida sobre como funciona o SETOR VERDE. Está liberado, mas é preciso COMUNICAR ao parque.

Ian propõe uma melhoria do termo, em que a pessoa possa assinar dizendo que está ciente do PLANO DE SETORIZAÇÃO. Daniel Olho diz que é apenas uma questão informativa, e que é importante o plano de setorização estar exposto na entrada do parque. Fernando fala sobre a importância do CPF no termo. Bombeiros têm poder de atuação e que em uma irregularidade o parque teria atuação efetiva.

**Sobre o SETOR VERMELHO: Em caso de solicitação de abertura de via no setor vermelho, o parque deve enviar o formulário de solicitação de abertura de vias no setor vermelho ao conquistador juntamente com o plano de setorização e o código de ética, e deve encaminhar a solicitação de abertura de via para o GT montanhismo com qualificação técnica para avaliar a conquista, tudo isso dentro de um prazo. O Luiz imaginou que este tempo de resposta pode girar entre 15 a 30 dias, e que o grupo de avaliação deve ser composto por escaladores do CNM e outros escaladores, mas quem vai emitir a autorização é o parque. O parque é que dá o parecer final. Fernando diz pode ser válido uma visita a campo para avaliar a proposta. Fernando ressalta que quem vai receber o e-mail é o parque, mas quem vai avaliar é o GT. Luiz propõe que seja mantido o modelo proposto inicialmente pelo CNM, em que quatro conquistadores avaliariam a proposta da conquista.**

Daniel Olho diz que se o escalador fizer uma via seguindo o mínimo impacto, não tem muito o que o parque avaliar. Guilherme Quacchia e Pablo dizem que sabem que se houver um impedimento em relação à abertura de uma nova via em função da presença de uma espécie endêmica, etc. o fato será compreendido pelos escaladores.

Fernando diz que as pessoas que fazem parte deste processo de discussão entram para a história da unidade de conservação e da montanha, avaliando tecnicamente a conquista de vias. Olho diz que estes grupos de discussão funcionam bem. Luiz sugere quatro nomes: o próprio, Olho, Cauê e Pablo, pelo critério de que eles conhecem muito bem o parque e são escaladores conquistadores que estão muito presentes na unidade. Ian diz que o clube CNM deve entrar com quatro conquistadores também, dizendo que devem ser quatro conquistadores com qualificação técnica para avaliar a proposta.

Luiz propõe que possamos colocar estes nomes como caráter temporário, para que se possa pensar nos critérios que as pessoas devem ter para fazer parte deste grupo. Fernando diz que o corpo de avaliadores será composto pelo CNM com quatro cadeiras e os escaladores não representados institucionalmente com quatro cadeiras. Luiz diz que um critério básico para este avaliador é que ele DEVE ser um conquistador. Ao final da reunião, decidiu-se que as sugestões para mudanças no termo de risco devem ser deixadas na subsede para que sejam avaliadas e compiladas pela equipe do parque.

Abaixo seguem as definições do dia:

- 1- Setor Verde: Conquista liberada, sendo necessário apenas um comunicado prévio para nivelamento e atualização da administração;
- 2- Setor Vermelho: O escalador deverá encaminhar uma solicitação a administração do parque, segundo formulário próprio para conquistas de vias. O prazo para manifestação do GT pode variar entre quinze e trinta dias;
- 3- O formulário para abertura de novas vias já foi elaborado e passará por ajustes, estando estes por conta do escalador Luiz Andrade.
- 4- Este formulário, bem como todos os procedimentos, setorização e código de ética deverão estar dispostos em meios digitais no site do parque e em sites de instituições afins;
- 5- O PESET iniciará a avaliação do TRR a partir das sugestões do GT.